



Gemologia da Ciência à Arte: Uma Exposição como Ação Extensionista, Promovendo Novas Práticas Pedagógicas no Curso de Gemologia

Gemology, From Science To Art: An Exposition As An Extensionist Action, Promoting New Pedagogical Practices In The Gemology Course

Resumo

Em busca de novas práticas pedagógicas e quebrando paradigmas frente aos desafios do mundo acadêmico, surgiu uma oportunidade para que alunos do curso de Gemologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), pioneiro e único no Brasil, pudessem trazer ao grande público uma abordagem com o propósito de despertar reflexões, recriar ações com novas perspectivas e melhores estratégias. Neste sentido, a exposição: “Gemologia da Ciência à Arte”, foi pensada e elaborada como ação do projeto de extensão “Garimpando a Arte” com objetivo de apresentar as vertentes do curso de Gemologia vistas pelo cunho científico, social e artístico fora de um ambiente formal. A mostra durou 44 dias no espaço da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo com 2.082 visitantes, alcançando um público recorde para esta modalidade de exposição no ambiente em questão. Os 53 expositores denominados “gemoartistas” puderam apresentar seus trabalhos de forma única e com técnicas livres apresentando um grande acervo de obras sobre os minerais e suas potencialidades. Assim, a metodologia aplicada mostrou-se eficaz em seus objetivos, pois promoveu a cultura dentro do espaço acadêmico e na cidade de Vitória, contribuindo com o aumento da visibilidade do curso de Bacharelado em Gemologia, além da divulgação do grande potencial gemológico do estado do Espírito Santo.

Palavras-chave: Gemologia; Ciência; Arte; Exposição; Prática Pedagógica.

Shelley Bomfim*
Marcus Vinícius Dutra de Magalhães
Janaina Bastos Depianti

Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: shellybom@yahoo.com.br*

Abstract

In search of new pedagogical practices and breaking paradigms, facing the challenges of the academic world, an opportunity arose so that students from the course of Gemology at the Federal University of Espírito Santo (UFES), pioneer and the only one in Brazil, could bring to the public an approach with the aim of evoking reflections, recreate actions with new perspectives and better strategies. Therefore, the exposition: “Gemology, from Science to Art”, was thought and created like a project’s action of extension “Digging Art” in order to present the aspects of the course of Gemology seen through a scientific, social and artistic slant outside a formal environment. The exhibition was held for 44 days in the hall at the Central Library of Federal University of Espírito Santo, with 2.082 visitors reaching a record public for the category in that specific place. The 53 exhibitors called “gemoartists” could present their work in a unique way and with free techniques showing a big collection of work about minerals and their potentialities. Thus, the methodology used, proved to be effective in their aims, since it promoted the culture inside the academic space and in the city of Vitória, contributing with an increasing on exposure of the BA course in Gemology, as well as the promotion of the big gemological potential in the State of Espírito Santo.

Keywords: Gemology; Science; Art; Exhibition; Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

Em razão das mudanças que têm ocorrido no contexto social e acadêmico, o perfil dos alunos e das faculdades passa por significativas mudanças e, se não houver um empenho das escolas de ensino superior e um olhar atento a essas mudanças, não será possível oferecer um ensino de qualidade a estes estudantes.

Um requisito fundamental na execução de qualquer projeto pedagógico é a qualificação dos educadores, no aprender a desaprender, na modificação do paradigma educacional. Só consegue atingir novas ideias e utilizá-las, quem está receptivo (PARDINI; SANTOS, 2010). Estar aberto e ter compreensão sobre o que está ocorrendo no mundo e no mercado de trabalho é primordial para facilitar a participação dinâmica nos caminhos que levam ao conhecimento e às práticas educativas (SIGNORETTI, 1998).

Uma das mais importantes responsabilidades é a de procurar conquistar a capacidade para formar o ser social, aquele capaz de compreender seu papel e colocar em prática os ensinamentos das capacidades técnicas e científicas alcançadas (PARDINI; SANTOS, 2010). Nesta perspectiva, se tem discutido acerca de estratégias de ensino interdisciplinares que propõem um olhar diferenciado, amplo e reflexivo que rompe as barreiras pré-estabelecidas pela lógica linear (FAZENDA, 1993). Tais mudanças são positivas e apontadas por terem potencial de integração e aprendizado mútuo entre as diversas disciplinas.

Segundo Fazenda (1993), o movimento da interdisciplinaridade pretende contemplar as interações ou correlações entre ciências especializadas, sem barreiras estáveis entre as disciplinas. Ele propõe um modelo circular onde a complexidade dos mundos social e físico requer que as disciplinas se interajam, articulem e superem a desintegração e o distanciamento, com o objetivo de fazer com que se possa conhecer melhor o todo.

O emprego da ferramenta de ensino interdisciplinar possibilita à instituição absorver as disciplinas nas formas horizontal, relacionando as atividades do período, e vertical, nomeando um tema gerador que é construído pelos alunos no decorrer do período letivo. De modo correlato, o incentivo à cultura empreendedora nos cursos de graduação se manifesta como uma educação reconhecida e diferenciada, cuja missão final é a consolidação da personalidade do aluno e o progresso das competências de iniciativa, criação, planejamento e inserção competitiva no mercado (PARDINI; SANTOS, 2010).

De acordo com Brandão (2006), a educação está sujeita à pedagogia criando condições para o desenvolvimento das atividades, produzindo métodos e estabelecendo tempos e diretrizes, capazes de constituir executores qualificados no ensino formal.

Sendo assim, a educação não formal vem na contramão, ao estabelecer os processos educativos em espaços diversos, garantindo a participação coletiva na construção do conhecimento, possibilitando as mais variáveis maneiras de aprender e ensinar.

É necessário provocar o questionamento sobre os contextos das diversas óticas e áreas para que se possa alcançar a interação entre as disciplinas; superar fórmulas e conceitos prontos buscando novos conhecimentos; adicionar as áreas relacionando-as em sentido; e entender os fenômenos naturais, sociais e culturais que ocorrem no espaço da instituição de ensino (FAZENDA, 1995).

Diante destas transformações e paradigmas, é que as ideias de novas práticas pedagógicas vão tomando corpo e, de maneira cadenciada, vão se juntando para dar forma a novas oportunidades e criando um novo modelo de aprendizado dentro do Curso de Gemologia, executando uma proposta de ensino que utiliza a interdisciplinaridade e o empreendedorismo como pilares pedagógicos na formação desses alunos.

Gemologia é a ciência que estuda e determina a qualidade de materiais gemológicos, sejam esses de origem orgânica ou inorgânica, cuja aplicação se apresenta como adorno pessoal ou decoração de ambiente (SCHUMANN, 2007; UFES, 2009a). Popularmente conhecida como pedras, para o gemólogo ou joalheiro uma pedra é uma gema. Apesar dos termos “pedras preciosas” e “semipreciosas” ainda serem muito utilizados no comércio, o seu uso não está correto. Existem pedras chamadas de semipreciosas que são mais valiosas que as preciosas. Sendo assim, o termo mais adequado para todas é gema (SCHUMANN, 2007).

Para Branco (2008), gema é uma substância que por sua raridade, beleza e durabilidade, é utilizada na confecção de joias. Na sua grande maioria são minerais, no entanto, existem gemas de natureza orgânicas, artificiais e sintéticas. “O gemólogo estuda as propriedades e identifica a natureza da gema. Classifica-as em função do peso, lapidação, cor, dureza e pureza” (FRANCO, 1999, p. 22).

É muito comum o uso de gemas em joias. Para Cardoso (2010), joias são utensílios estéticos, geralmente feitos com gemas e metais preciosos, como ouro, prata, platina. No entanto com o desenvolvimento do design, a joia pode ser desenvolvida com qualquer tipo de material, seja ele nobre ou não, como vidro, couro, latão, entre outros. As formas mais usuais das joias são colares, brincos, anéis e pulseiras.

O curso de Gemologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) é pioneiro no Brasil sendo o único curso de graduação, modalidade bacharelado. Foi aprovado no âmbito do projeto de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) no Conselho Universitário (CU) da UFES em 03 de dezembro 2007 e no Ministério da Educação (MEC) em 31 de dezembro 2007 (UFES, 2009b), com início da primeira turma em março de 2009. O curso foi reconhecido pelo MEC através da Portaria 216 de 28 de março de 2014 (BRASIL, 2014). Com duração de quatro anos o curso tem como proposta capacitar e profissionalizar estudantes a se tornarem empreendedores com a perspectiva de desenvolvimento econômico ao longo da cadeia produtiva de gemas, joias e afins, causando o impacto positivo-econômico, de inovação e competitividade deste setor (UFES, 2009a).

O currículo do Curso de Gemologia tem caráter multidisciplinar apresentando grande parte de sua formação na área de Ciências Sociais Aplicadas, na área de Ciências Exatas e da Terra e área Artística. Dentre as atividades propostas no curso destacam-se: i) pesquisa, identificação, caracterização, avaliação, fornecendo laudos e certificação de materiais gemológicos, gemas e joias; ii) criação e design de joias e de adornos do segmento joalheiro possibilitando o trabalho artesanal, comercial e até mesmo industrial utilizando materiais gemológicos; iii) instrução no comércio de gemas, joias e afins com embasamento teórico e prático do setor joalheiro e gemológico para a exportação e importação destes materiais; iv) capacitação para se desenvolver no mercado interno em seus aspectos micro e macroeconômicos possibilitando estruturar seu próprio negócio. Essas atividades visam um arranjo que ofereça a inovação como desafio, assim como a proposta do pensar acadêmico e comercial na formação do profissional (UFES, 2009a).

Por ser multidisciplinar e o único bacharelado no país, o curso de Gemologia enfrenta muitos desafios dentre eles, a busca pela visibilidade perante a sociedade e novas práticas que possibilitem maior interação entre as diversas áreas.

Segundo Freire (2002) as práticas didáticas devem se basear nos seguintes princípios: não há docência sem discência, pois ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética; ensinar não é transferir conhecimento, pois exige respeito à autonomia do ser do educando e certeza de que mudanças são possíveis; a tarefa de ensinar requer segurança, comprometimento profissional, complacência e percepção de que intervenções ocorrem através da educação.

Por que não usar a arte como mecanismo de conexão entre as diversas áreas do curso? De acordo com Araujo-Jorge (2007), desde o início o ser humano vive utilizando a arte como forma de expressar algo, apontando que a linguagem da arte é a linguagem própria da humanidade. Deste modo é necessário que a arte seja mais valorizada na educação, para além de seu entendimento, em todos os níveis de ensino. A arte pode e deve ser trabalhada de maneira conjunta com a ciência como parte estratégica dos meios pedagógicos, para fomentar a educação científica da sociedade. Tanto artistas como cientistas contribuem para entendermos por “completo” as ações da natureza que aprendemos a ignorar, ou que nunca nos ensinaram ou motivaram a enxergar.

A divulgação científica, como colaboração e proposta de ensino não formal, desempenha papel de extrema importância durante o período de formação de cada indivíduo. É uma prática social que deve ser elaborada com auxílio de meios que permitam que os conteúdos sejam adquiridos com a participação em atividades que desenvolvam o pensamento crítico (GARCIA; IMBERNON e LACERDA, 2014).

Nesse contexto o projeto de extensão “Garimpando a Arte” foi concebido com a finalidade de levar ao grande público uma mostra de Arte e Ciência na área de Gemologia, com cunho científico, artístico e social, de forma dinâmica em sua apre-

sentação e diversificada em seus estilos. Buscou-se discutir a atuação do gemólogo e da gemologia em um ambiente não formal, destacando suas contribuições e seus desafios. Nessa ação educativa foram traçadas estratégias para desenvolver maior interesse por parte da sociedade e atrair cada vez mais o público.

Para tal, foi desenvolvida uma exposição com intuito de aplicar uma prática educativa, inusitada no curso de Gemologia, onde fosse possível compreender a postura do discente aluno/expositor, bem como a do docente professor/pesquisador. Nesse sentido, este artigo relata as experiências adquiridas na exposição “Gemologia da Ciência à Arte” a partir da observação da articulação entre os campos científico e artístico e de que maneira a exposição contribuiu para o ensino-aprendizagem dos alunos, ao incentivo à cultura empreendedora e na divulgação do curso de Gemologia para a comunidade em geral.

MÉTODOS

Nesse trabalho adotou-se como metodologia a pesquisa-ação. De acordo com Pinto (1989), a proposta de pesquisa-ação tem papel fundamental na contribuição da população ao acesso ao conhecimento técnico-científico, possibilitando a participação e a efetiva transformação da sociedade pelo trabalho/ação; incentivando a criatividade, com o propósito de gerar novas formas de colaboração; possibilitando o sujeito/agente ser parte essencial de sua transformação/libertação.

Para Egg (1990) a pesquisa é um procedimento de reflexão sistemática, controlada, crítica e teórica que tem como propósito identificar aspectos da realidade com o objetivo de estabelecer ações práticas. Defende ainda que a ação é uma forma de estudo de modo a intervir no propósito da pesquisa, sendo esta a fonte de conhecimento. De modo que a forma de pesquisar a realidade irá implicar na participação do sujeito/agente ativo no conhecimento de sua própria situação, gerando a participação das pessoas envolvidas no projeto, paralelo à busca de novos conhecimentos para solucionar os problemas identificados. O conhecimento desta realidade já é por si só uma ação que irá gerar organização, mobilização, sensibilidade, conscientização e intervenção nas pessoas com o objetivo comum.

Nesse sentido, a exposição “Gemologia da Ciência à Arte” foi pensada e elaborada com um viés pedagógico trazendo elementos que proporcionassem o aprendizado em espaço não formal com uma proposta interdisciplinar e com ênfase nas manifestações artísticas e científicas. A exposição aconteceu na Biblioteca Central da UFES, no campus de Goiabeiras, na cidade de Vitória, Espírito Santo, no período de 12 de agosto a 24 de setembro de 2016. O foco da exposição foi mostrar a importância da Gemologia no cotidiano e os recursos minerais com potencial gemológico que o estado do Espírito Santo possui. Além disso, a mostra possibilitou maior visibilidade sobre a gemologia e áreas afins.

Na exposição alunos, ex-alunos e professores do curso de Gemologia puderam apresentar trabalhos diversificados em técnicas e estilos trazendo suas impres-

sões estéticas ao público, dentro de um contexto contemporâneo. Foram utilizados desenhos, pinturas, fotografias, vídeos, poemas, joias, gemas e minerais, expressões artísticas que não estavam ligadas a nenhum tema a priori. Cada expositor teve a liberdade para desenvolver seu trabalho permitindo trazer ao espectador a arte e ciência por trás do universo dos minerais, por meio de diversos olhares.

Todos os trabalhos foram selecionados pela equipe organizadora da exposição de forma criteriosa e em função da disponibilidade do espaço utilizado. A exposição foi dividida em seis momentos: 1 – amostra de minerais-gemas; 2 – fotos/desenhos; 3 – joias e roupas; 4 – instalação artística e poemas; 5 – pesquisas científicas; e 6 – equipamentos e vídeos.

Para viabilizar o monitoramento e informações durante as visitas na exposição, assim como a montagem e desmontagem da mesma, foi necessária a participação e colaboração de diversos voluntários que atuaram como monitores. Nesta perspectiva foram abertas as inscrições para alunos do curso de Gemologia e demais cursos da UFES, que pudessem colaborar com as diversas funções que existiam neste cenário e, principalmente, servir de porta voz da exposição, com o intuito de explicar a diversidade de conceitos e os objetivos do projeto exposto.

Todos os monitores voluntários foram capacitados para transmitir ao público a correlação de cada trabalho com a gemologia instruindo sobre a metodologia da exposição, a multidisciplinaridade que as obras alcançavam e os termos técnicos da área de Gemologia, de maneira a alcançar o viés artístico e científico proposto para a exposição.

O convite para o evento foi realizado utilizando-se as mídias sociais e canais de divulgação dentro e fora da universidade, bem como por meio de impressos distribuídos aos expositores e principais setores da UFES. Com o intuito de dar visibilidade ao curso de Gemologia, bem como às obras da exposição, foi enviado convite à Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo – SEDU, para que esta divulgasse a exposição nas escolas da rede pública de ensino de modo que os alunos pudessem conferir de perto os trabalhos dos “gemoartistas” - codinome atribuído aos expositores com o intuito de lhes conferir um caráter íntimo e pessoal.

RESULTADOS

Na exposição foram apresentadas obras de dimensões, técnicas e tratamentos estéticos distintos de 53 "gemoartistas". Dentro da divisão estabelecida na exposição, foram identificados três nichos de observação em relação ao tema abordado em cada obra.

O primeiro deles foi relacionado à importância da Gemologia no cotidiano. Foram apresentadas as diversas utilizações dos minerais para uso na joalheria, indústria química, farmacêutica, construção civil e indústria em geral. Mesmo que tenham sido transmitidos estes conhecimentos em sala de aula ou através dos meios de comunicação, isto não se compara à oportunidade desse contato com os mine-

rais e suas características físicas e ópticas, trazendo variadas possibilidades de experimentação.

O segundo nicho está relacionado às potencialidades minerais e gemológicas do Espírito Santo e sua importância para a economia. Mostrou-se que o estado possui inúmeras possibilidades de crescimento e desenvolvimento econômico, seja no mercado nacional ou internacional de gemas, joias e afins.

O terceiro nicho versou a respeito da importância do curso de Gemologia com suas vertentes, seja na área artística, científica ou econômica. Foram apresentadas pesquisas científicas e experiências artísticas baseadas no conhecimento adquirido no curso de Gemologia. Houve uma boa interação por parte dos expositores e visitantes, pois se discutiu gemologia sob um novo olhar, com amplas possibilidades, apreciando seus gostos, preferências e espaços possíveis para ensinar e aprender no âmbito acadêmico.

No total 50 monitores participaram da exposição, sendo 20 alunos do curso de Gemologia e 30 de demais cursos. De certa forma, houve uma surpresa com a grande procura de alunos de outros cursos, como: Geografia, Oceanografia, Artes Visuais e Plásticas, Letras Português, Arquivologia, Biblioteconomia, Comunicação Social Jornalismo e Design, evidenciando uma importante interdisciplinaridade de saberes.

A interação entre os monitores foi positiva e os alunos dos demais cursos, de forma recíproca, puderam aprender e ensinar, contribuindo e agregando valores e conhecimentos, dividindo informações e experiências pessoais sobre seus cursos e as inúmeras possibilidades de aplicação da aprendizagem sobre Gemologia ao cotidiano em suas áreas específicas.

Com esses princípios verificamos que, o aprendizado oferecido pelos professores do curso de Gemologia no decorrer das disciplinas, foi de suma importância para que os alunos pudessem aplicar o conhecimento científico teórico e prático, na execução dos trabalhos expostos.

A realização da exposição exigiu dedicação em todo o processo de aprendizado para que prevalecesse o comportamento ético, crítico e estético nas pesquisas e práticas (leia-se obras de arte) elaboradas para o grande público que visitou a exposição. Assumiu-se ali um compromisso social em demonstrar através da arte o caráter pedagógico proporcionando ao espectador o a aquisição de novos saberes.

Outro aspecto relevante da exposição é que houve um estreitamento na relação professor-aluno durante a elaboração de algumas obras. Esse fator é bastante importante no processo de ensino-aprendizagem, pois, segundo Rego (1995, p. 110) “[...] construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas”. Além disso, “[...] mais que ensinar e aprender um conhecimento, é preciso concretizá-lo no cotidiano, questionando, respondendo, avaliando, num trabalho desenvolvido por grupos e indivíduos que constroem o seu mundo e o fazem por si mesmos” (SAVIANI, 2000, p.41).

Atividades de arte e ciência, em conjunto, provocam e permitem a criação, o avanço e a compreensão de novos processos, contribuindo para a construção de um discurso sobre a relação desenvolvida entre a arte e a ciência, com as produções humanas na criação de atividades multidisciplinares e multiculturais. A arte tem um papel muito mais importante do que tornar as coisas belas, e deve ser trabalhada para que seja sempre incluída na educação científica, pois possibilita correlacionar e interagir com as descobertas que os cientistas fazem, sejam eles físicos, biólogos, geólogos, químicos, ou outros especialistas (ARAUJO-JORGE, 2007). Na Gemologia não seria diferente.

A exposição recebeu ao todo 2.082 visitantes que tiveram a oportunidade de contemplar obras artísticas, além de poderem aprender e interagir com a Gemologia como ciência. Cerca de 250 alunos do ensino médio da rede pública estadual de ensino visitaram a exposição juntamente com professores de Artes e Geografia. Os alunos participaram de oficinas de design e mineralogia e conheceram de perto alguns dos laboratórios do curso de Gemologia, dentre os quais: Design e Montagem de Joias; Lapidação; Mineralogia; e Caracterização e Avaliação de Gemas. Durante a visita vários alunos demonstraram interesse em incluir o curso de Gemologia em seu projeto de vida, bem como relataram que puderam correlacionar conhecimentos adquiridos em sala de aula com as obras expostas. Com isso conheceram o que é a Gemologia e suas áreas de estudo.

Durante a visita dos alunos do ensino médio à exposição, observou-se que surgiram comentários entre eles sobre conceitos de geografia e artes vistos anteriormente e que puderam entendê-los de maneira mais clara. Ressalta-se que o curso de Gemologia propõe práticas que envolvem o ensino nas áreas de geociências como: formação, importância e utilização dos recursos minerais de forma sustentável; e na área artística a percepção de conceitos e técnicas que podem ser aplicados no processo de criação de adornos, valorizando a história da arte.

Assim, pode-se dizer que os alunos tiveram uma experiência positiva na reafirmação de conceitos adquiridos em sala de aula. Parafraseando Brandão (2006, p. 9) em que, vida e educação estão misturadas. É válido destacar que: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”.

Ao fazer uso da arte como instrumento da prática pedagógica, é possível despertar no aluno e no espectador de forma ampla, uma viagem que percorre trajetórias de aprendizagem propiciando conhecimentos específicos sobre a sua relação com o mundo, desenvolvendo a percepção, observação, imaginação e outros sentidos pertinentes a esta experimentação, que podem contribuir para a consciência do seu lugar no mundo e para a compreensão de conteúdos das outras áreas do currículo (JUSTINIANO, n. d.).

Segundo Barbosa (2010, p. 2) “A arte na educação afeta a invenção, inovação e difusão de novas ideias e tecnologias, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador”.

Oliveira (2012) afirma que a educação sofreu mudanças em seu conceito, deixou de ser limitada à questão do ensino-aprendizagem, e passou a ocupar outros espaços, ampliando a área de atuação, afastando-se em certas situações do ambiente escolar e atuando em distintos e diversos segmentos.

Segundo Barbier (2002, p.54),

A pesquisa-ação reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência dos atores do problema numa ação coletiva.

Através da pesquisa-ação buscou-se a opinião dos alunos sobre esta realidade do Curso de Gemologia e a importância de divulgá-lo, de maneira que todos pudessem contribuir, o que culminou na exposição “Gemologia da Ciência à Arte”.

Barbier ainda afirma que o pesquisador na pesquisa-ação descobre que “não se trabalha sobre os outros, mas e sempre com os outros” (2002, p.14). A participação de todos os envolvidos evidenciou o interesse por parte desses alunos e favoreceu de forma acelerada o andamento e desenvolvimento do trabalho.

Nesse sentido o presente estudo foi desenvolvido com a perspectiva de que essa pesquisa poderá contribuir em novas propostas pedagógicas, quebrando paradigmas. Sendo assim a exposição “Gemologia da Ciência a Arte” corroborou para o processo de ensino-aprendizagem de professores, alunos em geral e sociedade, ensinando sobre a gemologia de forma multidisciplinar atuando em um espaço não formal.

CONCLUSÕES

A exposição "Gemologia da Ciência a Arte" colaborou para a visibilidade do Curso de Bacharelado em Gemologia e trouxe grande oportunidade de aprendizado extraclasse para os alunos e demais envolvidos, pois teve como proposta unir experiências subjetivas como a livre contemplação das obras expostas até o aprendizado e conhecimento científico sobre o universo da Gemologia de maneira lúdica e divertida, usando a imaginação, conhecimento da área e criatividade. Proporcionou ainda novas práticas e vivências fundamentais para o desenvolvimento profissional dos expositores, pois exigiu que assumissem um pensamento crítico, autônomo e empreendedor, trazendo à reflexão a importância de seu papel nesse mercado e suas vertentes, que estão à sua frente com grandes enfrentamentos e oportunidades de criação, planejamento e inserção competitiva no mercado de gemas, joias e afins, relacionadas à arte e à ciência. O processo de desenvolvimento e consolidação da exposição serviu de prática educativa não formal para os alunos do curso de Gemo-

logia, bem como para os visitantes. Esse tipo de prática vai ao encontro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que em seu artigo 39 sugere: “a educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva” (BRASIL, 1996).

Além disso, a exposição colaborou para a promoção da cultura na cidade de Vitória divulgando o potencial gemológico do estado do Espírito Santo e o talento desses "gemoartistas", proporcionando aos visitantes experiências com um campo e visões peculiares.

REFERÊNCIAS

- [1] **Araujo-Jorge, T.** Relações entre ciência, arte e educação: relevância e inovação. Revista E, São Paulo SESC, v. 12, 2007.
- [2] **Barbosa, A. M. T. B.** A Imagem no Ensino da Arte. 8 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- [3] **Barbier, R. A.** pesquisa-ação. Brasília: Liber Livro, 2002.
- [4] **Branco, P.m. 2008.** Dicionário de mineralogia e gemologia. São Paulo: Oficina de Textos, 608 p.
- [5] **Brandão, C. R.** O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- [6] **Brasil. Ldb.** Lei 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- [7] **Brasil.** Ministério da Educação. Secretaria e Regulação e Supervisão da Educação Superior Portaria nº 216, de 28 de março de 2014. Ficam reconhecidos os cursos superiores de graduação constantes da tabela do Anexo desta Portaria. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 mar. 2014. Seção 1, p. 14-16. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=31/03/2014&jornal=1&pagina=14&totalArquivos=104>>. Acesso em: 25 mai. 2018.
- [8] **Cardoso, A. C. D.** A jóia como complemento da moda. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura.
- [9] **Egg, E. A.** Repensando la Investigación-Acción – Participativa. México: El Ateneo, 1990.
- [10] **Fazenda, I. C. A.** Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- [11] **Fazenda, I. C. A.** Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1995.
- [12] **Franco, R. R.** e CAMPOS, J. E. S.: As Pedras Preciosas - São Paulo. 1999.
- [13] **Freire, P.** Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 165 p. 25ª Ed. 2002. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>. Acesso 4/2/18.
- [14] **Justiniano, C. J.** A arte como instrumento da prática pedagógica. Portal da Educação. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/a-arte-como-instrumento-da-pratica-pedagogica/52471>>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- [15] **Garcia, C. B.; Imbernon, R. A. L.; Lacerda, R. A. V.** Desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de Geociências para a Banca das Ciências e Experimentoteca da ACH/USP. Terra e Didática, v. 10, n. 3, p. 331-335, 2014.
- [16] **Oliveira, L. B.** Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo nas organizações. São Cristovão, SE. 2012.
- [17] **Pardini, D. J.; Santos, R. V.** Empreendedorismo e interdisciplinaridade: uma proposta metodológica no ensino de graduação. Revista de Administração FEAD, v. 5, n. 1/2, 2008.
- [18] **Pinto, J. B. G.** Pesquisa-Ação: Detalhamento de sua sequência metodológica. Recife, 1989, Mimeo.
- [19] **Rego, T. C.** Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 14ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

[20] Saviani, D. Saber escolar, currículo e didática. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

[21] Schumann, W. Gemas do Mundo - Ao Livro Técnico S.A, Rio de Janeiro. Nova edição: 2007.

[22] Signoretti, M. S. Flexibilidade: o caminho da transformação. Belo Horizonte: Metaconsultoria, 1998.

[23] Ufes - Universidade Federal Do Espírito Santo. Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Gemologia. Vitória, 2009a. Disponível em: <<http://www.gemologia.ufes.br/projeto-pedag%C3%B3gico>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

[24] Ufes - Universidade Federal Do Espírito Santo. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - RESOLUÇÃO Nº 55/2009. Vitória, 2009b. Disponível em: <<http://secretaria.ccje.ufes.br/sites/secretaria.ccje.ufes.br/files/field/anexo/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA55.2009%20-%20Gemologia%20.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Espírito Santo, por possibilitar a realização da exposição "Gemologia da Ciência à Arte";

Em especial, à equipe da Direção e Coordenação do Núcleo de Cultura do SIB/UFES e Núcleo de Cultura da Biblioteca Central.

Aos 2.082 visitantes, aos 53 "gemoartistas", aos 50 monitores, aos professores, alunos e ex-alunos do curso de Gemologia e colaboradores externos que contribuíram para a realização e o êxito da exposição.





Grupos de Promoção em Saúde no Ensino Fundamental com Enfoque no Uso de Álcool e Outras Drogas

Health Promotion Groups In Primary Education Focusing On The Use Of Alcohol And Other Drugs

Resumo

A Extensão Universitária promove a aproximação da Universidade com a comunidade, contribuindo com o desenvolvimento dos discentes envolvidos e a comunidade. O objetivo do artigo é descrever e discutir a experiência extensionista de estudantes de psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais em um projeto de promoção em saúde, com foco no uso de álcool e outras drogas, com alunos do 9º ano do ensino fundamental, com idade variando entre 12 e 15 anos de idade. Caracteriza-se como um estudo qualitativo na modalidade de relato de experiência, em que foram realizados grupos operativos em uma escola pública de uma cidade do interior de Minas Gerais. Os encontros ocorreram ao longo de quatro meses, de agosto a novembro de 2017, com encontros quinzenais. Os temas e as técnicas utilizadas foram diversificados, com foco na captação do interesse e atenção dos adolescentes. Os temas eram escolhidos pelos próprios adolescentes ao final de cada encontro. Foram abordados temas como violência, preconceito, respeito e o uso de álcool e outras drogas. As técnicas utilizadas foram desde rodas de conversa até o uso de técnicas teatrais. O projeto atingiu seu propósito de despertar o interesse dos alunos quanto a temas muitas vezes considerados tabus e dar voz a suas dúvidas e questionamentos.

Palavras-chave: Promoção da saúde. Saúde escolar. Adolescente. Álcool e drogas

Victor Gabriel souza Faria*
Bianca de Freitas Moraes
Camila souza de Almeida
Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG)
E-mail: victorgsf97@gmail.com*

Abstract

The University extension brings the University closer to the community, contributing to the development of the students involved and the community. The purpose of this article is to describe and discuss the extensionist experience of psychology students at the State University of Minas Gerais in a health promotion project focusing on the use of alcohol and other drugs, with students from the 9th grade, with age ranging from 12 to 15 years of age. It is characterized as a qualitative study in the modality of experience reporting, in which operating groups were performed in a public school in a city in the interior of Minas Gerais. The meetings took place over four months, from August to November 2017, with biweekly meetings. The themes and techniques used were diversified, focused on capturing the interest and attention of adolescents. The themes were chosen by the adolescents themselves at the end of each meeting. Subjects such as violence, prejudice, respect and the use of alcohol and other drugs were addressed. The techniques used were from talk wheels to the use of theatrical techniques. The project achieved its purpose of arousing the interest of the students in the subjects often considered taboos and to give voice to their doubts and questions.

Key words: Health promotion. School health. Teenager. Alcohol and drugs

INTRODUÇÃO

A extensão Universitária é a relação que se estabelece entre os acadêmicos de um curso e a comunidade em que estão inseridos, sendo um dos pilares da Universidade, pois consegue desenvolver o senso crítico dos alunos envolvidos, capacitando-os para a realidade pós-universidade e devolve para a comunidade os conhecimentos que muitas vezes ficam restritos à comunidade acadêmica (DUARTE, 2014).

Uma das atividades de extensão desafiadoras e necessárias são aquelas realizadas com adolescentes, pois esses se encontram em um estágio de desenvolvimento não apenas físico, mas cognitivo e comportamental intenso, marcado pelas experimentações e comportamentos de riscos. É durante esta fase o jovem, muitas vezes, acaba se encontrando em situações e cenários onde está sujeito à violência e ao uso das drogas (FARIA FILHO, 2015). Diante disto surge a necessidade da realização de atividades que possam esclarecer dúvidas e promover hábitos saudáveis, sempre dando voz e espaço a esses jovens.

Sabe-se que um dos grandes desafios existentes é trabalhar o tema do uso de álcool e outras drogas, tanto por ser um tabu quanto pela dificuldade na abordagem do tema sem a conotação de moralismo ou punição. Mas o assunto deve ser abordado, pois o uso de drogas na adolescência está relacionado ao aumento da violência, das doenças mentais, da gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis (MALTA et al, 2014). O consumo destas drogas está muitas vezes relacionado a experiências aversivas durante a infância (GONÇALVES et al, 2016), e com condições relacionadas ao nível socioeconômico, à rede social e à escola (MALTA et al, 2014; LOCATELLI et al, 2014).

Dados apontam que as taxas de uso de álcool e outras drogas são significativas na adolescência e com crescimento acentuado no uso de álcool por adolescentes do sexo feminino. Um estudo realizado pelo IBGE (2016) mostra que no último mês 23,8% dos adolescentes brasileiros fizeram uso de bebidas alcoólicas, sendo a prevalência nos meninos de 22,5% e nas meninas de 25,1%. A pesquisa ainda mostrou que 55,5% dos escolares do 9º ano do ensino fundamental já haviam experimentado álcool na vida. Sobre o uso de outras drogas tem-se que 4,1% dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental fizeram uso nos 30 dias anteriores à data da pesquisa (IBGE, 2016).

Ao se pensar no crescimento do uso de álcool e outras drogas por adolescentes, a escola deve ser uma das prioridades para o investimento em projetos, já que o adolescente passa a maior parte do seu dia envolvido com as atividades do local. Estudos apontam que estudar em período noturno aumentaria em até 3,8 vezes as chances de experimentação de drogas, faltar frequentemente às aulas, queda do rendimento escolar e a evasão também seriam fatores de risco ou predisponentes ao uso de drogas (MALTA et al, 2014; CARDOSO; MALBERGIER, 2014).

Já o bom rendimento escolar, ter a supervisão dos pais / responsáveis acerca das tarefas escolares e faltar pouco às aulas são considerados fatores protetores (CARDOSO; MALBERGIER, 2014). Por isso a importância de se abordar a temática na

escola. O grande desafio para educadores, no entanto, é o como abordar. Quais os limites? E como realmente traçar um diálogo com esses adolescentes?.

Projetos relacionados à temática do uso de álcool e outras drogas com adolescentes, podem não alcançar seus objetivos de prevenção do uso quando são realizados de forma ampla, tentando abranger vários temas ao mesmo tempo ou apenas com repasse de informações sobre o que seriam as drogas (STRØM et al, 2015). Já projetos com enfoques menos amplos, que trazem temáticas mais pontuais, como a discussão de temas relacionados à promoção de hábitos de vida saudável, podem ser mais efetivos do que apenas o repasse de informações gerais sobre os malefícios do uso de álcool e outras droga (BARROSO; MENDES; BARBOSA, 2013).

Porém, há diversas dificuldades que podem ser encontradas ao se trabalhar com a promoção da saúde sobre drogas no ambiente escolar. Algumas dessas dificuldades são as representações sociais que associam o consumo à violência, a responsabilização e culpabilização da família, a falta de conhecimento acerca dos aspectos da relação humano-substância, a fragilidade da rede de apoio, dentre outros (FARIA FILHO, 2015).

Um dos recursos que pode auxiliar na discussão do assunto em sala de aula e vencer os obstáculos das representações sociais que cada indivíduo carrega, incluindo os professores, é o grupo operativo, recurso que promove aprendizagem através de uma visão crítica da realidade. Os grupos operativos se encontram de acordo com os conceitos de promoção da saúde que enfocam no empoderamento e autonomia dos indivíduos (VINCHA; SANTOS; CERVATO-MANCUSO, 2017).

Nesse sentido, a relevância do estudo recai na possibilidade de disseminar a experiência de trabalho com grupos operativos com adolescentes de escolas públicas, contribuindo para o avanço na melhoria da qualidade de vida deste grupo populacional.

Nessa perspectiva, este estudo foi realizado com o objetivo de descrever ações realizadas em uma escola pública com alunos do 9º ano do ensino fundamental sobre o tema promoção da saúde e uso de álcool e outras drogas. O Projeto é oriundo do Programa Institucional de Apoio à Extensão (PAEx) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa na modalidade de relato de experiência, vivenciado por dois discentes do curso de psicologia. Ambos cursavam o quarto período e tinham experiência prévia na realização de grupos operativos. Um dos alunos participantes era bolsista PAEx.

O projeto de extensão ocorreu em uma escola pública estadual de uma cidade do centro-oeste mineiro, com alunos do 9º ano do ensino fundamental. Os encontros ocorreram quinzenalmente no período de agosto a novembro de 2017, perfazendo o total de dez encontros com tempo médio de 50 minutos cada.

A turma em que foi realizado o projeto contava com 28 alunos e por se tratar

de uma turma do 9º ano do ensino fundamental a faixa etária variou de 13 a 15 anos de idade. Todos os estudantes participaram dos encontros, e aqueles que não desejassem no dia realizar a atividade permaneciam em sala de aula como espectador.

A escola em questão se localiza em um bairro periférico da cidade. A escolha do local ocorreu porque a pesquisadora responsável já havia realizado pesquisa anterior sobre o uso de álcool e outras drogas com os alunos e o índice foi considerado significativo, além de ter sido uma demanda da própria escola. Assim, com o intuito de estreitar o vínculo e aumentar o conhecimento dos alunos sobre a temática foram realizados os grupos operativos.

Os encontros ocorreram em horário de aula, sendo que quinzenalmente era escolhido um dia da semana diferente para não trazer prejuízo de conteúdo aos alunos. O tema inicial abordado foi “O que é ser adolescente?”. Havia uma agenda planejada e aprovada pela coordenação da escola, mas ao se realizar o primeiro grupo operativo observou-se que era necessário trabalhar com base nas inquietudes dos adolescentes, pois com a discussão sobre “O que é ser adolescente?” questões referentes a preconceito, autoestima e convívio na escola apareceram como fortes questões, indo além do planejado pelos pesquisadores. Pensou-se também que ao se deixar a agenda de encontros abertas a sugestões, a atenção dos jovens seria mais facilmente captada, pois seriam temas surgidos de suas inquietações, vivências e dúvidas.

Todos os grupos operativos iniciavam com atividades de respiração e concentração, seguidas por uma dinâmica e logo após era abordado o tema do dia. Foram utilizadas várias técnicas para a sua realização, desde rodas de conversa, discussão em pequenos grupos, técnicas teatrais e desenhos.

O projeto foi aprovado pelo PAEX, edital 01/2017, número de cadastro 4431/2017, Universidade do Estado de Minas Gerais.

RESULTADOS

Inicialmente o projeto visava à realização de grupos operativos voltados para a temática do uso de álcool e outras drogas, mas após o primeiro grupo notou-se ser necessário um processo de aproximação com a temática relacionada ao uso de álcool e outras drogas, sendo abordados temas mais relacionados aos conflitos inerentes ao adolescente, como estudos, perspectivas futuras e autoestima nos primeiros encontros, para depois introduzir o tema do uso de drogas.

Em discussões realizadas com a equipe pedagógica da escola e nas observações notou-se a necessidade de abordar temas como a realidade dos adolescentes, incluindo o que significava a escola para esses, assim como questões relacionadas a bullying, respeito e perspectivas para o futuro, para só depois abordar o tema do uso de drogas.

Foram ao todo dez encontros. Inicialmente trabalhou-se os temas relacionados à relação aluno- aluno, logo depois aluno-escola, aluno-sociedade e o indivíduo como adolescente e suas percepções. Apenas nos três últimos encontros foram

A pesquisa citada está em fase de conclusão e é parte do doutorado da pesquisadora coordenadora, a pesquisa foi realizada com escolares do 9º ano do ensino fundamental de escola públicas e privadas e traz como dado preliminar a experimentação por 50,3% da amostra, o uso de drogas ilícitas na vida foi de 7,7% na amostra. Na escola em questão a experimentação de álcool foi significativa, assim tiveram alunos que relataram o uso de drogas ilícitas.

abordados os temas relacionados ao uso de álcool e outras drogas, pois se considera que o tema não deve ser trabalhado de forma aleatória, mas sim, entrelaçado a um contexto mais amplo.

Mudanças de comportamento ou a sua possibilidade foram pontos centrais do projeto, uma vez que é necessário que fique clara a possibilidade de reelaboração do lugar do adolescente na escola, na família e consigo próprio (BARROSO; MENDES; BARBOSA, 2013).

O formato dos grupos operativos e os instrumentos utilizados foram múltiplos e se deu de acordo com a demanda de cada tema e da percepção das necessidades dos adolescentes. Foram utilizadas colagens, confecção de cartazes, rodas de discussão e até mesmo expressão corporal e técnicas teatrais.

O primeiro encontro trabalhou “O que é ser adolescente?”, no qual se utilizou colagens e fabricação de cartazes para discutir o tema. A sala foi dividida em grupos e esses apresentaram a produção ao final. O “Ser adolescente” foi relacionado a estudar, ir a festas, estar com os amigos e comprar itens da moda, mas também foram relatados o risco do uso de drogas, a gravidez na adolescência e escolhas como qual o curso a fazer na universidade.

O segundo encontro trabalhou a relação escola – aluno. Nesse foi proposto um trabalho grupal em que os adolescentes deveriam realizar um único cartaz sobre a realidade na escola e suas perspectivas. O grupo demonstrou dificuldades em se trabalhar como um único grupo, e o resultado final mostrou a escola como local de aprendizado, mas com muitas regras; relataram certo desânimo com as aulas e tarefas, além da pressão dos pais para continuarem a estudar.

Os próximos dois encontros trabalharam a autoestima e a relação entre alunos. Nesses encontros foram utilizadas técnicas teatrais, principalmente a de se colocar no papel do outro (inversão de papéis). Percebeu-se grande facilidade e diversão com as técnicas, com as quais foi possível trabalhar temas considerados difíceis como preconceito, bullying e depressão.

No quinto e sexto encontros, para os temas de autoimagem e relação com a sociedade e a família, foram utilizadas técnicas de respiração e o uso da arte. Esses recursos se mostraram menos efetivos que os do teatro ou colagens. Por serem muito lúdicos e requerer introspecção e grande concentração, as discussões se mostraram mais empobrecidas.

Os três próximos encontros foram reservados para a temática do uso de álcool e outras drogas e foram realizadas rodas de conversa. Em dois encontros foram convidados alunos da UEMG que tinham conhecimento e facilidade com o tema, o que se mostrou de muita valia, pois os adolescentes se mostraram mais à vontade e de certa forma privilegiados pelas visitas.

Uma forma de abordar e saber as dúvidas quanto ao uso de álcool e outras drogas foi com o uso da tecnologia. Foi disponibilizado um site em que o aluno poderia postar suas dúvidas ou relatos de forma anônima para a equipe do projeto. As dúvidas eram respondidas e ajudaram a construir os grupos sobre o tema.

No último encontro os alunos puderam escrever no quadro ou em papéis palavras que remetiam ao que aprenderam ou sentiram durante os encontros. As palavras “companheirismo”; “descontração”; “aprender”; “bate papo”; “diferente” apareceram com frequência.

Os alunos relataram que a experiência de aprendizado e troca de experiência em forma de roda de conversa ou com uso da arte foi efetiva, pois estariam “cansados” de aulas formais e palestras em que apenas ouviam e pouco eram escutados.

O projeto pretendeu e conseguiu atingir o objetivo de dar voz a esses adolescentes e entender mais suas vivências e realidades. Os resultados foram repassados e discutidos com a equipe pedagógica da escola.

Um dos limitadores do projeto foi o tempo, uma vez que em muitas ocasiões os encontros atrasavam devido a provas e outras atividades e em algumas ocasiões houve a presença de professores, o que pode ter inibido alguns alunos. Ao mesmo tempo a presença dos professores foi importante, apesar de causar constrangimento a alguns alunos, pois os mesmo relataram que levariam para a sala de aula muitas das técnicas e dinâmicas que observaram. Seria importante a realização de oficinas com esses profissionais para capacitá-los para a realização de grupos operativos no ambiente escolar.

DISCUSSÃO

O primeiro ponto a ser observado é quanto a formação de um laço com os participantes. Foi importante, pois as interações sociais e o se sentir parte de um grupo são fatores fundamentais quando se realiza intervenções com adolescentes. Para a efetividade das ações, os alunos precisavam se perceber como grupo social e aceitar os pesquisadores como parte dele, para que só assim uma troca de conhecimento e mudanças ocorressem (BECKER, 2017).

Como já relatado, o projeto inicial iria abordar apenas o uso de álcool e outras drogas, mas entendeu-se que o consumo de drogas por adolescentes não é fator isolado ou simples escolha pessoal, ela envolve fatores sociais e familiares, por isso a importância de se entender o contexto do adolescente e de fazê-lo compreender qual o seu papel nesse contexto (GONÇALVES et al, 2016).

Dentre as técnicas utilizadas, destaca-se o teatro como forma de se trabalhar os temas drogas e bullying, pois através das representações lúdicas o adolescente se sente à vontade para ser outro indivíduo e se expressar livremente sobre temas considerados proibidos (LOPES, 2014).

Quanto a temas relacionados à escola e perspectivas de futuro, a equipe utilizou-se de imagens, colagens e rodas de conversa para apreender qual a visão desse adolescente. Dinâmicas que incentivavam o trabalho em grupo também foram propostas, pois uma das grandes dificuldades percebidas durante o projeto foi o trabalho em grupo. Os adolescentes apresentaram grande dificuldade em aceitar o trabalho de outros que não fossem de seu ciclo de amizade, fato esperado nessa faixa etária (GONÇALVES et al, 2013).

A escola não foi percebida pelos adolescentes como local de promoção de saúde e aprendizagem, mas apenas como um local ao qual precisam ir por exigência da família e sociedade. Outros estudos também trazem essa realidade em que a escola está perdendo seu local como referência para os jovens, o que pode acarretar em aumento das faltas e abandono escolar, que são considerados fatores de risco para o uso de álcool e outras drogas (GARCÍA et al, 2008; MACHADO et al, 2015).

Outra dinâmica realizada que merece destaque foi a das “máscaras”. Com essa dinâmica pretendia-se trabalhar aquilo que o adolescente apresenta para a sociedade como sendo seu “eu” e como isso pode diferenciar do que ele considera como o seu “eu verdadeiro”. Para essa dinâmica foram levadas para a sala máscaras impressas no formato de rostos e em preto e branco. Os alunos foram orientados a enfeitar a máscara de um lado como sendo o modo como a sociedade os vê, e do outro lado o modo como eles acreditam realmente ser.

Os adolescentes apresentaram muitas dúvidas e percebeu-se grande dificuldade em se expressarem através da arte. Pode-se considerar que o questionamento feito pelos coordenadores foi algo novo para muitos dos participantes. Mesmo aqueles que compreenderam a tarefa não conseguiram elaborar com clareza as faces da máscara.

Trabalhar o lúdico e fazer pensar é de extrema importância na sala de aula. Estudos demonstram que quando se trabalha educação em saúde de forma lúdica e abrangente o adolescente consegue associar melhor os temas apresentados e transformar em ação transformadora para seu dia-a-dia (LOPES, 2014). A grande dificuldade em se levar o lúdico para a sala de aula é a necessidade de mudanças que os educadores devem realizar em um sistema tradicional como o da educação, que acaba por engessar o professor ao conteúdo ministrado.

Quanto ao assunto do uso de álcool e outras drogas muitos adolescentes conheciam de maneira superficial os riscos do uso e tinham opinião clara do modo como a sociedade trata o uso de substâncias lícitas e ilícitas. Alguns afirmavam não ver o álcool como uma droga, pois seus efeitos, segundo os adolescentes, seriam mais tênues do que os de outras drogas. Visão corroborada em outros estudos que mostram que o álcool é aceito socialmente e, por conseguinte, tem o seu uso aumentado na adolescência, o que pode acarretar danos a curto e longo prazo (ANDRADE et al, 2017; COSTA et al, 2017).

As rodas de conversa sobre o tema propiciaram o esclarecimento de dúvidas sobre o funcionamento biológico das substâncias, as motivações para o uso, a proibição, e a possibilidade de interromper o uso, além da percepção de mudança de visão sobre o tema, principalmente sobre o uso do álcool.

CONCLUSÃO

Os grupos operativos se mostraram eficazes para abordar temas relacionados ao dia-a-dia do adolescente. Para se alcançar melhores resultados é necessário que projetos como esse sejam executados em longo prazo e que façam parte da rotina das escolas, com professores capacitados para a sua condução.

Uma das questões levantadas pelos adolescentes foi a falta de espaço na escola para que eles se expressassem. O modelo tradicional de sala de aula também foi questionado como não favorecendo o aprendizado.

Assim, aulas mais dinâmicas, discussões em forma de roda ou com formatos mais lúdicos propiciam o aprendizado e principalmente a discussão de temas considerados tabus como droga e preconceito.

É necessário que a escola se reformule e dê espaço para seus alunos falarem, criando um ambiente prazeroso e de trocas de conhecimento.

REFERENCIAS

- [1] **Andrade, M. E.**, et al. Experimentação de substâncias psicoativas por estudantes de escolas públicas. Rev. Saúde Pública, vol. 51, 82, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2007.v12n5/1143-1154/pt/#ModalArticles>>
- [2] **Barro A.; Mendes, A. M. O. C.; Barbosa, A. J. F.** Programa de prevenção do uso/abuso de álcool para adolescentes em contexto escolar: parar para pensar. Esc. Anna Nery Rev. Enferm. vol. 17, n. 3, p. 466-73, 2013. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452013000300466&script=sci_abstract&lng=pt>
- [3] **Becker, K. L.** O efeito da interação social entre os jovens nas decisões de consumo de álcool, cigarros e outras drogas ilícitas. Estud Econ. Vol. 47, n. 1, p. 65-92, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612017000100065&lng=en&nrm=iso>
- [4] **Cardoso, L. C.;** MALBERGIER, A. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. Psicol. esc. educ. vol. 18, n.1, p.27-34, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000100003>
- [5] **Costa, A. C. Q.** et al. Álcool e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Brasil. Adolesc. Saude (online). vol. 14, n. 3, p.24-29, 2017. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=668>
- [6] **Duarte, J. S.** As contribuições da extensão universitária para o processo de aprendizagem, a prática da cidadania e o exercício profissional. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2014.
- [7] **Faria Filho, E.** A et al. Concepções sobre drogas por adolescentes escolares. Rev. Bras. Enferm. Vol. 68, n. 3. p. 517-523, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672015000300517&lng=en&nrm=iso>.
- [8] **García, J. M. C.; Ferriani, M. G. C.** A escola como "fator de proteção" para drogas: uma visão dos adolescentes e professores. Rev. Latinoam. enferm. Vol. 16, spe, p. 590- 594,2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000700014&lng=en&nrm=iso>
- [9] **Gonçalves, H.** et al. Adverse childhood experiences and consumption of alcohol, tobacco and illicit drugs among adolescents of a Brazilian birth cohort. Cad. Saúde Pública (online). Vol. 32, n. 10, p. 00085815, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016001005009&lng=en&nrm=iso>.
- [10] **IBGE**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PENSE 2015. Rio de Janeiro: IBGE; 2016.
- [11] **Locatelli, D** et al. Socioeconomic influences on alcohol use patterns among private school students in São Paulo. Rev. Bras. Psiquiatr. Vol. 34, n. 2, p. 193-200, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>.

php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462012000200012&lng=en&nrm=iso>

[12] Lopes, G. T. Percepções de adolescentes sobre uso/dependência de drogas: o teatro como estratégia pedagógica. Esc. Anna Nery. Rev. Enferm. Vol. 18, n. 2, p. 202-208, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452014000200202&lng=en&nrm=iso>

[13] Machado, M. D. et al. Programa saúde na escola: estratégia promotora de saúde na atenção básica no Brasil. J. Hum. Growth Dev. Vol. 25, n. 3, p. 307-312, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000300009&lng=pt&nrm=iso>

[14] Malta, D. C. et al. Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE 2012). Rev. Bras. Epidemiol. suppl PeNSE. Vol. 17, supl. 1, p.46-61, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2014000500046&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>

[15] Moreira, A.; Lemos, V. C. M. D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. Educ Pesqui., Vol. 41, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000100119&lng=en&nrm=iso>

[16] Strøm, H. K. et al Preventing alcohol use with a universal school-based intervention: results from an effectiveness study. BMC public health (online). Vol. 15, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s12889-015-1704-7>>

[17] Vincha, K. R.; Santos, A. D.; Cervato-Mancuso, A. M. Planejamento de grupos operativos no cuidado de usuários de serviços de saúde: integrando experiências. Saúde debate. Vol. 41, m. 114p. 949-962, 2017. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/sdeb/2017.v41n114/949-962>>